



PREPARANDO O COSINHADO...



Aqui lhe trago bom tempero, só para amigos...
Cá o creado é para todo o serviço; tal qual como a patrôa...

Que grande "fita,,...

Os garotos da rua tem uma phrase muito plebeia, mas que n'este momento serve ás mil maravilhas para classificar os ultimos acontecimentos.

Ena pae, que grande fita!

Nem mais nem menos.

As bombas d'areia para revoluções monarchicas e o assassino do limpa unhas, delegado dos comités realistas para liquidar o grande Czar Affonso, são uma authentica fita, tão ridicula como venenosa. Mas principalmente ridicula, porque este é o lado por onde sempre se distinguem estes nossos impagaveis... colaboradores.

Se estas coisas se tivessem passado no tempo do primeiro matrimonio nacional já tinha ardidado Troya. Já tinha havido, pelo menos, quinientos comícios e mil conferencias, fóra algumas centenas de discursos soltos, aos domicilios, com grandes parangonas nos órgãos republicanos.

Imaginem por exemplo que o caso do criminoso do limpa unhas se tinha passado quando o sr. João Franco era presidente do conselho.

Que os jornaes monarchicos, como agora fizeram os republicanos, tinham dito que o aspirante a assassino era enviado pelos centros republicanos para matar o chefe do governo, e que apesar de não ter sido encontrada qualquer arma ao acusado, nem este ter mostrado os seus intentos criminosos por qualquer forma, tendo estado prestes a ser lynchado, era mettido depois na cadeia, incommunicavel, enquanto os jornaes affectos ao presidente do ministerio lançavam sobre os adversarios politicos as mais torpes e falsas insinuações!?

Estão imaginando, não é verdade? Também nós.

Pois tenham a bondade de imaginar mais. Appliquem então a sua imaginação ao picareasco caso das bombas d'areia.

Caramba, até as pedras da calçada se tinham levantado a cantar a *Marselheza* se tuas cascos se tivessem dado nos tempos da propaganda republicana.

Até parece que estamos a ver o magnifico sr. Bernardino no alto d'uma tribuna em ornateado quintalorio democratico agitando o seu famoso chapéu alto a dizer ao ex-povo soberano: *A hora da emancipação vai soar breve porque não podemos soffrer mais injurias dos despotas que nos esmagam com as suas violencias. A's armas, meus cordeaes amigos! A's armas, mancebos das escolas primarias!*

E o Zé muito phrenetico a aplaudir, vermelho como um pimentão, seguindo em cortejo vistoso aquelle magnifico senhor, até á sua princepessa residencia na Cruz Quebrada!

E o nosso Affonso?! O que não teria dito este liberal amigo se ha quatro annos tivesse apparecido um homem de Santarem, accusado e preso como enviado dos seus correligionarios para assassinar... com um limpa-unhas, o primeiro ministro da Corôa! E o sympathico Brito das transgencias que rebaixam e das violencias que compromettem?!

E o mirabolante Antonio Zé das bálãs e agua raz?!

O que não teriam dito todos elles se o tremebundo caso se tem passado nas eras omissas em vez de se desenrolar no luminoso reinado do reinado D. Affonso VII!

Palavra que nunca vimos nada mais ridiculo, mais patusco, mais biologico (na significação rodriguica do termo) do que esta fita da afamada casa pathé... tica dos democraticos!

E depois todos se abespinham se a gente lhes mostra o fiasco. Ainda por cima refilam como fez ali o jardineiro da rua de S. Roque, que não contente com as demonstrações da sua constante imbecillidade sobre o caso, ainda veio depois empregar este supremo argumento contra o criminoso: «o homem não levava armas mas podia ir atraz d'elle um portador para lh'as entregar.»

Sebo de grillo!

Este argumento não merece discussão. Regista-se e saboreia-se.

E como fazem os garotos da rua, comenta-se com as mãos nas ilhargas, para não estoirar de riso:

Ena pae, que grande fita!

1.600 BOMBAS!

Disse o sr. Americo d'Oliveira, n'uma entrevista que teve com o redactor d'um jornal da noite, que um grupo de defensores da republica, ainda ha dias tinha ido entregar, ao governo civil, uma existencia que tinha em deposito de 1.600 bombas.

Mil e seiscentas bombas!

Cidadões, é de estoirar tudo com tanta fraternidade!...

O CZAR NO PORTO

De um thalassa, do Porto, recebemos a carta que a seguir publicamos, contendo interessantes notas sobre a viagem do grande czar Affonso, áquella cidade.

Chistoso Redactor:

Uma das cousas que mais custa, pelo menos a mim, é o ser comido por tolo.

Os jornaes, mesmo aquelles que tinham obrigação de ser sinceros, naturalmente por medo, fizeram um reclame medonho ás festarolas da recepção feitas ao nosso homem (lá d'elles).

A tudo assisti e com olhos de ver; portanto, se lhe parecer aproveitavel, aprecie e commente:

Na recepção em Campanhã, estiveram, a dentro da gare, umas duzentas pessoas, contando, é claro, com o pessoal da Companhia, que é numeroso. Cá fóra estava, de facto, muita gente, mas... quasi tudo *mitronagem*.

O cortejo triumphal, compunha-se de oito carruagens e dois autos (ver os respectivos jornaes). O aspecto do homem ao sair da gare era abatidissimo.

O jantar no palacio da Bolsa, que era pago pela Camara e para o qual estavam dispostos 120 lugares, só foram occupados 61, calcule se fôsse necessario andar com as massas!... O passeio fluvial, um fiasco; somente o vapor *Berrio* lá quasi repleto, os outros... iam cheios de lugares vazios!... A recita de gala, um triumpho!... Imaginem que, quando o homem entrou na sala, estava menos de meia platea occupada. Foi preciso andar pelos cafés proximos a dar bilhetes e pedir que fossem assistir ao espectáculo!... A respeito de vivório... cebolório. Calcule, a Camara pagou ao pessoal assalariado, que é numeroso, no sabbado de manhã cedo, com ordem de o pessoal ir para Campanhã aguardar o Czar. Ao pessoal superior foi ordenado que comparecesse, exigindo-se-lhe o visto n'umas listas para esse effeito distribuidas nas repartições!... Isto é absolutamente authentico... Quem ler o *Comercio do Porto*, que é um pouco imparcial, verificará a authenticidade do que avança.

Para terminar, ahí vão duas piadinhas de se lhe tirar o chapéu, e que também garantem:

No atrio do theatro Sá da Bandeira, á passagem do *sobredito já citado Czar*, um democrata en-husiasmadissimo: — *Viva o rei dos estadistas portugueses*. — Este viva foi bastante correspondido!... Que gajos!!

Outro, e para *mot de la fin*.

N'um centro de cavaqueira indigena, discutem acaloradamente dois republicanos, um unionista e um democratico; a paginas tantas o unionista já massado, volta-se para o outro e diz-lhe: sabe que mais, eu com brutos não discuto... o outro, furioso, julgando devolver o insulto, retorquiu: Com brutos discute você... sabe...
Tableau!!...

UM THALASSA.

Tudo muito saboroso, mas a do rei dos estadistas e do bruto valem um milhão!
Impagaveis!

A MÃE...

Não estão correndo propicios os ventos para os heroes da Rotunda. Em Angra lá estão algumas duzias entre ferros da democracia fraternal, e por cá, a seguir á prisão do sr. Americo d'Oliveira seguiu-se a do sr. Porphirio Rodrigues, o *Serze* que commandou o assalto a infantaria 16, em 5 d'outubro, e que depois passou a intitular-se chefe da artilharia civil e... mãe da republica!

Este ultimo titulo explica-o o sr. Porphirio acrescentando:

— Porque o pae é o Machado Santos.

Pois, apesar de ser mãe lá foi parar ao chelindró como implicado nos ultimos acontecimentos.

O que dirá a filha a isto?

Não tarda um nadinha que cá não esteja a familia toda da Rotunda!

São damnados os thalassas...

ALÇANDO O PERNIL...

O grande Estebão, a proposito do anniversario da morte de Hintze Ribeiro, disse que este eminente estadista e grande caracter tinha sido *um homem funesto para o seu pais, sem alto valor intellectual que se visse, profundamente ambicioso, tratando a terra portugueza como um feudo seu, onde tivesse n'um quadro engalanado a familia real, perante a qual se collocava em submissas curvaturas de espinha!*

Não se admirem. São effeitos da lua. Ou talvez da môca, visto estarmos no verão...

NO "DEVE,"

Diz o ex-tenente Coelho, n'um artigo da *Republica*, que o governo affonsista, feito o balanço, tem no *deve*:

O caso de Ambaca;

O caso do opio de Macau;

O caso dos terrenos de S. Thomé;

O caso do director geral da fazenda das colonias;

A exaltação de monarquicos sem cotação a ministros e outros lugares elevados;

A expulsão de bons e honrados republicanos do serviço da Republica, sacrificados a insignificantes que nunca tiveram a coragem de ser republicanos;

O golpe de Estado do Porto;

A intervenção de numerosos radicalsteiros no 27 de abril;

A filiação do 20 de julho, no 27 d'abril demonstrativa da continuidade da mesma acção radicalista.

Tem sido um grande governo não, ha duvida nenhuma. Em tão pouco tempo não se podia exigir mais.

Grandes prestidigitadores



A ultima palavra em limpeza de trabalho, ou vice-versa...

Viagem do "Czar" ao Porto



Recepção em Campanhã. — (2) O sineiro do Bomfim. — (3) O concorrido banquete. — (4) Como elle foge. — (5) Como elles iam *voluntariamente* para a recita. — (6) O cortejo triumphal. — (7) A recita de gala. — (8) O passeio fluvial.

O PESADELLO DO CZAR

O Czar Affonso tinha passado todo o dia muito nervoso e quando chegou á noite á casa para se deitar pediu á creada um copo de agua chhalada.

A serva, vendo a cara carrancuda de Sua Omnipotencia, apressouse a cumprir á ordem, correndo lepida com a agua, o chá e o assucar para S. Ex.^{sa}.

O Czar olhou desconfiado para o copo e ordenou á sopeira:

— Bebe um gole primeiro.

— Oh! Sr. doutor, então desconfia de mim!? Não tenho eu renovado todos os mezes o attestado da Junta de Parochia?

— Bem me fio eu já n'esses! Prova primeiro o chá, senão...

E o Czar Affonso, com um gesto terrivel, ameaçou a creada de a mandar para o governo civil.

— Prompto, sr. doutor. Quer que beba mais?

Depois de se certificar que o liquido nenhum attentado continha, Sua Magestade Imperial refrescou as guelas. Mas quando estava escorropichando as ultimas gottas do saboroso refresco, deu um berro, recuando até ao fundo da sala, espavorido, de cabellos em pé.

— Não te approximes, Maria... Não te approximes, senão atravesso-te com uma bala.

— Mas, sr. doutor, o que é? O que tem? Socegue, meu senhor, socegue... Ora a minha vida!...

— Parece impossível, Maria, parece impossível! Eu que tinha tanta confiança em ti!... Abusares da tua situação para te venderes aos *jasuitas*... — e o Czar, com as faces lividas de pavor, escondia-se por detraz dos moveis, com o olhar esgazeadado, cheio de desconfiança...

— Mas eu juro-lhe, sr. doutor, que não sei do que se trata! Eu não tenho nada que possa fazer-lhe mal. Já até nem trago ganchos na cabeça para o não assustar...

— Mentos, tens ahí uma coisa a brilhar escondida no peito. E' um punhal ou uma navalha, com certeza... Tu, Maria, queres-me assassinar...

— Ah! sr. doutor, não me diga isso que me leva do diabo! Onde é que eu tenho essa tal coisa a brilhar?...

— Ahí, no seio... Estou a vê-o... do lado esquerdo... Isso, isso, lá estás com a mão em cima...

— O quê?! E' isto? Mas isto é um alfinete...

— Palavra?!

— Então o sr. doutor não vê?

— Olha, é verdade. Pois parecia-me mesmo um punhal. Irra, que não ganhei para o susto; e, nota bem Maria, eu não tenho nada de medroso.

— Mas que ideia, meu senhor!...

— Bom. Deixa-me, preciso descançar. Diz á ronda do corredor que eu vou passar para o quarto. Que vigie bem a porta da cozinha, não tenha descido algum assassino pela chaminé acima, porque para baixo não veio elle.

Depois do ceremonial costumado das buscas debaixo da cama e dentro das gavetas dos moveis, o Czar Affonso deitou-se. Com difficuldade conseguiu conciliar o somno, porque o defensor vigilante que costumava ficar todas as noites sobre a banquinha de cabeceira não tinha podido vir fazer a guarda.

— Realmente é uma temeridade ficar só com tres patrulhas no quarto! O meu collega da Russia talvez se não afoitasse a tanto...

Por fim Sua Omnipotencia adormeceu.

Começou então a suffocar-o um pezadello horrivel, cheio de tragicos acontecimentos e de horrorosos crimes.

Via um bando enorme d'embuçados a cercal-o no meio d'uma floresta muito negra, onde de cada arvore sahia um guarda chuva monstro com as varetas transformadas em lanças. Os embuçados, apertando-o cada vez mais no meio d'elles, erguiam os braços ameaçadores empunhando limpa-unhas aguçados como punhaes, promptos a retalharem a sua carne fresca e cabelluda.

Um gemido lugubre sahio-lhe da garganta implorando soccorro.

Mas na floresta immensa o echo da sua voz perdeu-se com o grasnar dos corvos e o piar dos mochos que alternavam o seu vôo sinistro com *jasuitas* d'enormes azas e *paivantes* de bicos aguçados.

O Czar, agarrado ao travesseiro, debatia-se n'um esforço maximo, repetindo por entre soluços:

— Bor... ges!... Aco... de!...

Mas o bando, sem piedade, cravava os limpa-unhas no corpo da victima, d'onde jorrava o sangue em cataratas.

Toda a floresta era já um mar vermelho, onde agora o Czar se debatia afogado no proprio sangue do seu corpo que os limpa-unhas cada vez retalhavam mais. O liquido já lhe chegava aos pulsos, morno, ainda a palpitlar. Sentia os globulos viscosos ensopar-lhe a mão esquerda mergulhada n'uma poça enorme sahida das entra-nhas, enquanto com a direita agitava um lenço dando signal do perigo que corria.

De repente um estrondo medonho atordoou a casa, finalizando o pezadello.

Sua Omnipotencia estava encharcado em suores frios. E recordando confuso o sonho, verificou então que a poça de sangue viscoso onde tinha mergulhado a mão era... um precioso *vaso noturno* que em tempos lhe havia sido offerecido por um grupo d'amiradores, tendo a um canto gravado n'uma placa de prata: «ao estadista mais popular do mundo — offerta d'um grupo d'amigos intimos.»

N'uma das occasiões em que chapinhava com mais energia na... *poça*, a banquinha virando-se, tinha ido escavar-se no meio da casa, pondo fim, com o barulho, ao tormentoso sonho do Czar Affonso.



Consta que o Czar Affonso tem ultimamente tomado rigorosas prevenções sobre a sua seguranca pessoal.

Aí, compadre, que saudades dos bons tempos da despótica monarchia, em que andavas á vontade por todos os cantos, não é verdade?

Se possesses *arrecauar*, apostamos, em como não hesitavas um instante.

— Pergunta-nos uma *Admiradora de Faro* (isto é que é sorte!) se o Cunha Neves fencionava assassinar o nosso Affonso com o limpa-unhas e o chapu de chuva, ao mesmo tempo.

Não, minha senhora. Primeiro, com o limpa-unhas partia-o em postas, e depois escondia-as no chapu para assim conseguir escapar á policia.

Era um monstro.

O engraxador do Grande Hotel, em Caldellas, é o regedor da terra.

Segundo o *Dia*, tendo essa illustre autoridade sido interrogada por um freguez a quem engraxava os sapatos, porque tinha consentido n'uma precisão, respondeu puxando o lustro ao calçado:

— Foi para não abusar da minha força!...

E assim vamos vivendo á mercê de força dos diversos engraxadores que nos governam.

Um pagode chinês... sem offensa para os do rabicho.

Esta é authentica: Ha annos foi o nosso Estevão de Vasconcellos chamado, na sua qualidade de medico, para vêr um doente.

Quando chegou á cabeceira do enfermo tomou o pulso e pediu... um martello.

Grande susto na familia e não menos pavôr no doente! Mas o Estevão tranquillizou logo.

— O martello é para mim.

E sem mais ceremonias descalçou uma das suas immensas botas, procedendo em seguida á operação de bater um prego na sola.

Deu a notar-se que era á primeira vez que ia a casa d'aquelle doente e, é claro, foi a ultima.

O *Mundo*, que tão altos sentimentos de humanidade apregoa, mostra-se horroziado pelo facto de se encontrarem presos nas masmorras da Russia, como vexame a um imperio autocratico, cerca de 220.000 homens, os quaes passam os mais atrozes supplicios, onde a força e o açoute são constantemente postos em acção.

Se o da R. de S. Roque soubesse fazer calculos, dir-lhe-hiamos que fizesse a proporção entre a população da Russia e de Portugal.

E depois visse a percentagem dos presos n'um e n'outro paiz.

Deixamos a Russia a perder de vista, pode crêr.

O cruzador *D. Carlos*, a que tambem chamam o cruzador *Almirante Reis*, indo a Leixões homenagear o sr. Affonso Costa, embandeirou em arco á s'a passagem no mar e deu uma salva de 21 tiros, tal como só podia fazer o Chefe do Estado ou a qua quer soberano e- estrangeiro.

O que vale são estes bocadinhos alegres que o nosso Affonso arranja para a rapaziada se divertir.

Ainda o havemos de vêr nos antigos coches reaes a passear pelas ruas da cidade.

E o sr. Antonio Zé a cavalgar na sóta.

Olaria!...

Informam os jornaes que o audaz senador e fluente marinheiro Nónes da Matta, acabou um drama historico intitulado *Frei João Mocho*.

E' escusado accentuar o grande interesse que esta peça está despertando no publico pela sua completa originalidade: um drama... comico!

Deve ser de estoirar a *rir, cidadãos!*

Da Patria: «A proposito das proximas eleições, o que convém ir já accentuando é que os futuros deputados devem ser pessoas intelligentes e illustradas...»

Não diga mais. Todos pelo modelo do sr. Estebão...

Consta que o Czar Affonso vai muito breve para a Suissa, ficando a substituí-lo como regente o Czarwich Antonio Macieira.

Mais consta que durante a regencia a batota terá umas largasinhãs afim de bem dispôr certos elementos para as proximas eleições.

Diz o sr. Mayer Gargão no da bola de S. Roque: «Napoleão não sympathizava com os jornalistas. Qual é o despota que pode sympathisar com os jornalistas?»

Não ha duvida. Ainda não ha muito tempo o nosso Affonso chamou aos jornalistas portuguezes garotos que rabiscavam em folhas de couve.

PLEBISCITO

QUAL É O PARLAMENTAR MAIS "NÓNES"?

Grande *lácuna* teria
Do *Thalassa* o plebiscito,
Se n'elle não ficasse inscrito
Nome de certa magia!

D'estatura amaneirada,
O grande parlamentar,
Não fala sem gaguejar,
P'ra pouco dizer ou nada.

O mais *Nónes*, sem favor,
E' pois o Thiago Salles,
Que cura todos os males
Por ser medico doutor!

Quer o *Thalassa* saber
Por um inqueritosinho
Qual o estadista mais *Nónes*
N'este pobre torrãozinho.

Vou dizer-lhe com franqueza,
Qual d'elles mais *Nónes* acho,
Para mim excede a todos
O *des-lavado* Camacho.

O parlamentar mais *Nónes*,
Pelo menos o que eu acho,
E' o grande pecegotte,
O limpinho do Camacho.

UM JASUITA.

UM THALASSA.

MITIFAS.

Penso de mim para mim,
Seja isto embora mania,
Que se lá estivesse o Alpoim,
E' o que tinha a primazia...

O Matta está a matar...
E tem pilheria, caramba!
Mas nenhum mesmo ao pintar,
Como o de na corda bamba...

E' um odre de talento,
E' alegre, suggestivo... e
E p'ra em tudo ser... portento,
é... adhesivo.

O brégreiro do *Thalassa*,
Vem em tempos perguntando,
Qual será d'elles o mais *Nónes*,
No grande e fraternal bando.

Pergunta intrincada essa,
E que custa responder,
Como se fosse possível,
Difrença entre elles fazer!

Nónes todos elles são,
Todos sem excepção haver,
Mas mais *Nónes* do que elles,
E' o Zé em os soffrer.

RENHANHAU.

D. ANTONIO.

N'UM EXAME

Conta um jornal da tarde que, ha dias, n'um exame de instrucção primaria realisado nos arredores de Lisboa, um examinador perguntava a um petizito quanto vale uma libra. Vae d'ahi o examinando, respondeu que uma libra equivale a 4\$500 réis da nossa moeda.

— Ora, ora, replicou o professor estomagado, isso é ao par, e eu queria que o senhor me dissesse o valor ao cambio d'estes ultimos tempos.

E é a professores d'esta laia que as pobres creanças teem de ir prestar provas.

Apostamos um retrato do Sr. Affonso Costa em como o homemzinho é democratico.

MUITO DISFRUCTAVEIS

Entre as muitas coisas patusicas que os jornaes diariamente contam, lia-se ha dias n'um diario da noite:

«O sr. dr. Caldeira Queiroz, director da Penitenciaria, apprehendeu hoje alli dois maços de queijadas, enviadas a um preso politico pela sua namorada. Nas queijadas ia inscripto a lapis o seguinte:

— «Grão de bico» — Preso 335. — Para o artilheiro de Paiva Couceiro, preso politico, da parte da noiva do seu companheiro de captivo Francisco Ficalho».

Aqui está uma medida de segurança muito ajudada.
Realmente nos maços das queijadas podia ir a hydra — hydraulicamente falando.

A BANDEIRA

A proposito d'um plebiscito que foi aberto na *Nação*, recebemos uma espi-rituosa carta que termina por este interessante soneto:

Querido amigo... Ouve:

Porque é linda a bandeira azul e branca?...
E porque é lindo o céu?... e linda a aurora?
O sol de Portugal, que a gente adora,
Amor do coração que não se arranca!

Porque é lindo o azul?... porque é ciu-me,
D'esta terra de heroes que o mundo inveja!
Amor do céu... do mar... da serra o cume,
Da espuma branca que estas praias beija!

Em Portugal, os filhos d'esta plaga,
Guardam como penhor d'eterna gloria,
D'Albuquerque, a bandeira da victoria,

Tão branca!... Pelas quinas esmaltada,
Listrada ora d'azul, — ciu-me, amor,
Das nossas tradições, memoria e flôr!

Algures, 24 de Julho de 1913.

MARIA TESNARA.

(Filha de pae legitimista e mãe liberal).

P. S. Haja paz na familia e Deus os abençõe.

DIGNO DE REGISTO

No domingo ultimo realison-se a trasladação dos restos mortaes d'uma das celebres victimas das bombas de dynamite da rua do Carrião, quando do governo de João Franco.

A *Capital*, referindo-se ao caso faz, os seguintes commentarios:

«Não se passaram ainda muitos annos sobre essa tarde de um domingo de inverno em que os esbirros do franquismo, ao tempo dominante, foram sobre-saltados pelo desastre da rua do Carrião...

Já o leitor começa a recordar-se, João Franco, embriagado pelo desvairamento de um despotismo epileptico, entrava abertamente no caminho das perseguições politicas, procurando estrangular a marcha da idêa republicana, suffocando todas as liberdades e praticando todas as violencias. Como sempre, á oppressão de cima correspondia a reacção nas camadas populares, definitivamente conquistadas para a libertação da Patria.

Preparava-se o movimento de 28 de janeiro. A febre revolucionaria, a ancia de melhores dias em que livremente pudesse respirar-se, apoderava-se de todos os espiritos liberes, que bem sentiam a necessidade de combater decisivamente as causas da oppressão que procurava dominar-os.

«la-se proclamar a Republica...

Os mais exaltados entregavam-se á fabricação de explosivos, como ameaça á resistencia que a guarda municipal devia oppor ao movimento revolucionario. Aquilino Ribeiro, na sua casa da rua do Carrião, iniciado já no segredo dos engenhos infernaes, passava horas seguidas a confeccionar-os, tendo ao seu lado dois amigos, camaradas de lucta e crentes do mesmo ideal.»

Este bocadinho da *Capital* vale muito dinheiro, porque, além de mostrar como á oppressão de cima corresponde a reacção nas camadas populares, chama tambem ao governo de João Franco desvairamento de um despotismo epileptico, o que é um bello ponto de partida para classificar este venturoso consulado do sr. Affonso Costa.

Se Franco foi um *despota epileptico*, como os republicanos dizem, o que está sendo o *Czar* Affonso, que nem ao menos tem a attenuante de ser... epileptico?

Ai! meninos, que bem que fallam, mas é pena não dizerem tudo... Olhem, ainda ha dias um jornal todo vermelho da provincia dizia que tinha saudades dos *bons tempos republicanos passados... no tempo da Monarchia!*

"NOVIDADES"

Sopram-nos aqui ao lado que em breve este jornal reaparecerá sob a direcção do sr. Brito Camacho. Termina a *Dança da Lucta*, embora ainda não tenha findado o Carnaval.

Os tolos vão-se acabando...

COMO SE FAZEM "CONSPIRADORES"

Foi na quinta-feira, 31 de julho.

Estavamos nós com dois amigos, por signal ambos allassas, cavaqueando, accêra do *horriavel attentado* de Santarem, ali á esquina de S. Pedro d'Alcantara e D. Pedro V; mais acima, sentados nos degraus que dão accessão ás officinas do Instituto Pasteur, uns rapazes, operarios da casa descansando na sua hora de sesta. Passavam uns individuos e, ou os rapazes contenderam ou vice-versa, o que é certo é que, a determinada altura, um dos taes individuos que desciam para S. Pedro d'Alcantara rompeu n'uma serie de dislateses da pornographia mais escolhida, o que por parte da rapaziada provocou uma assuada ao homem, que o tornou furioso.

Então é que foi vel-o; elle ia para baixo, depois voltava; tornava a ir e sempre com um vocabulario escolhido, acabou por lhes berrar: «*Voçes não sabem o poder que eu tenho*» e apontando para a lapella onde reluzia um barrete phrygic de metal amarello, sobre uma roseta verde-rubra, disse: *se eu quiser d'aquí a duas horas, d'aquí a dois minutos, está tudo no governo civil, seus carnetes!* Depois batendo forte o pé no chão ameaçou iracundo: *deixem estar seus carnetes; ás quatro horas vae isto ser cercado e voçes todos vão presos por conspiradores.* N'esta altura já os rapazes tinham voltado ao trabalho por ter terminado a hora do descanso, e' pois á mercê d'estes e d'outros «patriotas» que anda a liberdade de qualquer que lhes caia do desgraçado.

Ao que nós chegamos!!!

THEATROS

Republica. — A's 8,45 e 10,30 — *De capote e lenço* (revista).

Trindade. — A's 8,45 e 10,30 — *Fogo de vistas...* (revista).

Apollo. — A's 9. — *Sempre casto*.

Avenida. — A's 8,45 e 10,30 — *O 31!* (revista).

The Splendid Fox Garden. — Continua sendo este o ponto de reunião preferido pela nossa sociedade.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chics e de melhores fitas

Terrasse — Rua Antonio Maria Cardoso.

Olympia — Rua dos Condes.

Trindade — Rua da Trindade.

Central — Avenida da Liberdade.

Chantecler — P. dos Restauradores.

O "ATTENTADO" DE SANTAREM



E' de pôr os cabellos em pé... a um careca!